

VOL. I.

A GRINALDA. N. 8.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se. nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.^ª, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.^ª rua dos Ourives n.º 21, a 20000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

— — — — —

AS TRES FLORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSE ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de
uma virgem, tem o aroma da candida
virtude, e representam a salutar moral
indifinida do seio de Deos, que nos não
é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem
lê a historia da humanidade, e conhece
a sua relação com o Creadôr.

Feliz é ella unicamente na terra.

TERCEIRA PARTE.

DE UMA VIRGEM.

Estavam Bernardo e Rosinha entretidos em sua habitual
conversa, e por isso não viram Thimoteo com sua filha
Angelica, que atravessando um verde e alastrado melancjal,
havia subido a proxima coxilha e se internado no capão
até bem junto d'elles.

Thimoteo e Angelica ouviram a instructiva lição de Bernardo.

—Como são tão consoladoras as vossas palavras, disse o primeiro á este; si quizesseis ensinar á minha filhinha Angelica essas cousas, ella havia de comprehender. Já sabe de cor, e de traz para diante, a carta de nomes, que o Vigário de S. Anna lhe deu e lhe ensinou uma só vez. Hade ter uma cabeça de espantar! Minha filhinha? Heim! que dizes?

E o carinhoso pae afagava a menina Angelica com a mais simples ternura.

Rosinha, que a amava como a sua irmã, riu-se e chegando-se para ella lhe apertou a mão, abraçou-a e lhe beijou a fina e vermelhinha face.

—Tu serás a minha companheira, lhe disse então; ouvirás como eu as suas lições e nos recordaremos ambas.

Dois anjos, desde esse instante, se uniram para nunca mais se separarem; e os velhos, contentes e anrigos, foram festejar em sua casa a ventura que ali os reunira.

Angelica e Rosinha, uma semana depois deste dia, passeavam pensativas no aprazivel *Capão do Ipé*, quando deram com Bernardo, assentado sobre um cerne de grapiapinha, risonho a contemplal-as.

—Angelica já sabe a nossa lição, exclamou Rosinha; dissei-nos por piedade alguma coisa mais. Estais, meu paesinho, tão reservado! Nós não precisamos saber mais coisa alguma? Podemos chamar-nos de sabias, como aquellas gregas que se lêem nas *Viagens de Antenor*? Que livro tão bonito!

—Nem um homem deve chamar-se de sabio; é esse um titulo vão que nada significa. Quanto mais sabemos mais conhecemos as relações que nos falta descobrir entre a existência das cousas, mesmo as mais treviaes.

—Então não ha realmente homem sabio?

—Estando um dia um desses abalizados homens, que passam toda a sua vida no estudo da natureza, á borda de um oasis, que são illotas de verdura no meio desses mares de areias dos desertos da Africa, morrendo de sede e de calma, lhe appareceu um joven e rustico arabe de Senegal, o qual vendo-o assim procurou algumas folhas da *ne-pentha* e lhe deu a beber o liquido da urna que termina cada uma d'ellas. O pretendido sabio foi salvo assim da morte, o rollando á sua patria confessou a sua ignorancia

à respeito de cousas mesmo as mais sabidas e uzaes entre os barbaros que elle visitara.

—Mas não é necessario saber as cousas?

—E' sem duvida, minha fillinha; todavia não devemos acreditar que sabemos mais do que os outros, ou que sabemos tudo de modo que nos possamos chamar de sabios.

—Que lição tão boa! exclamou Angelica; a gente não deve ser vaidosa, e chamar-se o que nunca poderá vir a ser!

—É a lição que nos prometestes? meu pae-sinho.

—Sentemos-nos, minhas meninas.

—Ainda não vimos, meu pae-sinho, o que toda a gente chama sciencia.

—Sciencia, ou é todo o conhecimento certo, ou uma serie de conhecimentos encadeados de baixo de uma unica relação. Podemos chamar sciencia ao conhecimento que temos da existencia do rio, que ali corre junto á povoação de S. Anna, ou da existencia de qualquer outra cousa; assim como chamaremos sciencia á Astronomia, á Philosophia ou outro qualquer corpo de principios e deducções

—Então existem muitas sciencias, perguntou Angelica.

—Sim. Como são trez os nossos sentidos e por consequente trez os meios porque recebemos os conhecimentos, em trez divições tambem podemos collocar todas as sciencias.

—Já entendo, meu pae-sinho! Em sciencias physicas, metaphysicas e moraes! Não é assim? Não acertei?!

—Exactamente, minha expertinha.

—E quaes são as physicas? perguntou Angelica.

—Aquellas, cujo conhecimento temos pelo sentido physico. Ellas se dividem em physica e Historia Natural.

—Do que trata a physica.!

—De todas leis que regulam os phenomenos geraes, que sentiamos virificar-se diariamente debaixo de nossas vistas, ou que se passam sem que nós os saibamos, antes de entrarmos no estudo d'esta sciencia. Quando chove, minha menina, este phenomeno tão trivial, não se passa sem uma causa muito simples que os physicos conhecem e que explicam.

—E porque nos não explica Vm.? meu pae-sinho.

—O sol manda os seus raios de calor sobre a terra, e sobre as aguas; estas tornão-se em vapor e mais leve do que o ar que gira em torno de nós, e por isso sobem ás regiões superiores formando as nuvens; a falta de calor de-

pois congela, lá em cima, onde ellas vagam. os vapores, e ellas, tornadas mais pesadas, cahem em virtude de seu pezo em gottas de agua.

—Oh! eu não sabia o que era a chuva; diga-nos mais alguma coisa.

—A physica ou trata das leis que regem as atrações á grandes distancias, e então chama-se propriamente physica! ou trata das leis que regem as atrações á pequenas distancias, isto é, da composição e decomposição dos corpos, e então chama-se Chymica.

—E a historia Natural o que é, meu pae-sinho.

—E' a sciencia que trata da natureza material, isto é, dos corpos, de sua textura, de sua organização, e das relações que elles offerecem entre si. Ella divide-se em Mineralogia, Phythologia ou Botanica e Zoologia.

—Do que trata a Mineralogia? perguntou Angelica.

—Dos mineraes, que são corpos iuertes, que formam a terra, a agua, o ar, e todas as coisas sem vida.

—E a Phythologia?

—Trata de todas as plantas, da sua organização, de sua vida e de suas relações mutuas.

—E a zoologia?

—Da-nos a conhecer os animaes, a sua organizaçõe, e os phenomenos que elles apresentam.

—Uma coisa ainda, porém nos falta para melhor entendermos isto, disse Rosinha.

—Mas é agora já tarde; amanhã te direi o que queres. Vamos para casa.

O dia caminhava alto no ceo. Elles se retiraram.

E Bernardo foi pensando o que era a simplicidade da alma de uma virgem.

(Continuará.)

O SENTIMENTO RELIGIOSO.

CANÇÃO

Dedicada á meu illustre amigo, o Illm. Sr.

CARLOS LUIZ DE SAULES.

Alors de toutes parts un Dieu se fait entendre;
 Il se cache ou savant, se révèle au cœur tendre,
 Il doit moins se procurer qu'il ne doit se sentir.

(DE FONTAINES—Le Jour des morts.)

1.

Na casa de Deus,
 No templo sagrado
 Eu entrô sem susto,
 Mas fico prostado.

2.

O órgão sonoro,
 Alli reboando,
 Vai doce tristeza
 No peito entornando.

3.

Aqui as columnas,
 Alli as arcadas,
 Além em seus nichos
 Imagens sagradas.

4.

O astro do dia,
 O sol coruscante,
 Nas nossas igrejas
 Não entra brilhante.

5.

As sombras, que reinam
 Nos sanctos lugares,
 As mentes elevam
 A' grandes pensares.

6.

Ah! como pequeno!
 Ah! como acanhado!
 O homem parece
 No templo sagrado.

7.

Lembrando-se o ente
 Do bario saído,
 Que á pó algum dia
 Será reduzido.

8.

Então o soberbo,
 O homem ferino,
 Prostrado confessa
 Eu creio em Deus Trino.

J. C. Fernandes Pinheiro Junior.

O SINO.

(Continuação.)

V.

E' o dia de festa na aldêa.

Os sinos da ermita soão, e levão seus echos cheios de magnificencia até os lugares mais remotos da terra.

Tudo é contentamento e riso.

E mais alto, mais sonoro do que nunca, o sino repica e repica sem cessar.

A multidão de camponezes se juntão em breve em torno da igreja, conversão, abração-se e gosão o prazer do dia da festa.

Ali se aproximão as raparigas da aldêa, ouvirão o seu sino, trajão as suas roupas mais novas, e em suas fisionomias se pinta a fectividades; como vem louçaãs! como é seu porte simples, mas maggestoso! este é dia de todas as suas esperanças, depois da festa irão dansar para a herdade do parrocho.

Quadro divino! scena a mais brilhante das pompas humanas! quanto é de lastimar o pagão miseravel, que se arrasta vilmente sem conhecer as bellesas deste dia!

Entre os trabalhos e fadigas do campo o lavrador desconhece os praseres corrompidos das cidades; nem aprecia os divertimentos profanos, todos os divertimentos na aldêa são sagrados, mesmo em suas choupanas: depois de cançado, vai á festa da igreja recuperar suas forças, animar sua alma, e depois não arado pesado não ha terra dura, que o seo braço não faça logo submeter á sua vontade. O ar lhe parece mais leve, a lua mais brilhante, o sol menos quente, o suor mais refrigerante; porque quando elle estiver prestes a esmorecer, o sino tangerá essas melodias vibrantes e esses toques de consolo calmarão á lida do campo. —

E mais alto, mais sonoro do que nunca, o sino repica e repica sem cessar.

E o dia de festa, tudo corre alegre a ouvir o sermão; nem cabe mais povo no templo modesto da aldêa. Todos estão alegres, contentes, satisfeitos, felizes e animados de vivo interesse pelo dia brilhante.

Q instrumento de bronze que pende da terra, mais que nunca soa alto, e a sua voz desperta alegria na alma;

porque no dia de festa o sino é mais interessante, mais harmonioso, mais desordenado em sua musica.

Esta alegria me arrebatava, estou cheio de amor pelo sabio instituidor da igreja christã; juntai-vos a mim e vede como estes homens rusticos, como vós dizeis, são intelligentes em suas festas!

Não ha riquezas nas suas pompas: mas ha simplicidade nella, e esta seduz mais, porque é a alma que sente.

Começou o dia com alegria, com alegria acabará.—

Agora iremos juntos á tarde á herdade do parochio, e lá assistiremos á innocente dança do dia festivo.—

Contemplemos a espanção de prazer que realça em todos estes rostos lindos das robustas raparigas do campo, suas graças, são mais puras do que as da cidade, sua dança mais elegante, mais honesta.

Oh sim! tudo é bello é puro.

E mais alto, mais sonoro do que nunca o sino ripica sem cessar.—

VI

Que duros e vibrantes sons atordoão os ares com estampido?

Que confusão, que ruido, como tudo se move! correm sem ordem os camponeses na aldêa, o que aconteceu?

Há guerra, ent'ão alguma banda de salteadores, que novidade?

E o sino da torre soava, vibrando com terrivel estampido pelas trevas da noite.

Ha fogo na aldêa, o sino toca a fogo.

Por toda a parte se ouvem gritos agudos, e penetrantes, a aldêa está em tumulto: parece o dia do furacão.

Huma chamma viva subia em columna até o céu; era a choupana de um honrado lavrador que ardia: elle accordou com o sino, e a cada pancada do bronze um terror panico precorria seu corpo: de que tremes? ficas infeliz? não, para ti ha teus vizinhos e teus parentes, que te socorrerão, e depois de alguns dias terás meios para reconstruir a choupana.—

Os sons do sino parecião lamentações de desespero, vibravão como trovão no meio da planície. E' fogo, é fogo! gritavão todos, e todos em confusão corrião, desaparecião na escuridão da noite, e tornavão mais allumiados ainda, perto do incendio.—

O primeiro signal de fogo dado pelo sino, é assustador; um medo inexplicavel apodera-se de nossa alma; e attentos, e mudos nós contamos ás badaladas uma a uma, e parece estarmos ouvindo a hora do supplicio.

E mesmo assim, quando em terriveis ondulações geme a torre, o espectáculo é immenso, nós amamos ainda este musica terrivel.—

O rouco rebombar do trovão, indica que nos ares tudo está em fogo; o sino do fogo, que a aldêa arde: são sempre irmãos estes signaes de terror; mas magnificos e bellos.—

Não seria de grande e sublime belleza a tormenta que destrua Jerusalem!

E o sino da aldêa soava, vibrando com terrivel estampido pelas trevas da noite.

Respondião os montes, respondia a planice e os homens amedrontados pelo fogo que consumia o colmo.

Em breve tudo cessou: eu ouvia ao longe o sino; dormindo sonhei com elle.

Assim tu, quando longe, em tormentosa noite recorda-te que o teu sino toca a musica da tormenta.

Tudo cessou, succedeu ao immenso ruido, a quietação mais completa, a noite adiantava-se medonha e escura.

E só o lastimoso suspirar; mas brando e doce da agua da fonte, confundia-se na agitação do ar em torno da torre: a ave da noite piou, o seu grito agudo lembrou-me o dia da agonia: a imaginação pintava-me fogo e terror, da scene que acabara de presenciar.—

Do cimiterio levantavão-se densos vapores alvos, semelhantes a fantasmas acórdados pelo piar noturno; caminhavão lentamente e surrião-se por entré as pedras e as cruzes.

Nesta hora, depois do fogo tudo se teme, e sobresaltados no leito do descanso, não achamos somno.

Inquietos, affictos com tudo que nós cerca, sentimos com medonho retinir os sons da natureza assustada: e julgamos ouvir ainda o sino da aldêa soar, vibrando com terrivel estampido pelas trevas da noite.—

O sino agora dorme em sua torre.

L. C. d'A. Junior.

CANTO BIBLICO.

Recitado por uma alumna interna do Collegio das Orphas
em Assembleia Geral da imperial sociedade Amante da
Instrucção

E offerecido á mesma Sociedade

PELA

Ilm. Sra. D. Maria Izabel de Lemos
Dignissima Regente do mesmo Collegio e Professora da
Aula de S. Bento.

I.

Vede, Jerusalem magnifica, o que somos e o que eramos
nós!

Ha bem poucos sabbados que entrámos o limiar das portas
dos vossos muros com os cabellos soltos e cobertos de cin-
za, porque uma grande calamidade nos affligia: a morte
de nossos paes, a perda de nossos rebanhos e o incendio
de nossos celleros.

E nós choravamos como as filhas de Israel na estrangeira
terra de Nabucodonosor.

E clamavamos como si Holofernes devastasse as nossas ci-
dades.

E estavamos sós e desoladas como a mãe de Ismael na
vasta extenção do deserto.

E nós eramos como as florinhas das montanhas, vendo ao
longe correr as aguas abundantes do Jordão, e murchan-
do e seccando aos raios do sol.

E nós eramos como os cordeirinhos dos valles, dispersos e
sem pastor que os reunisse ao som dos tymbales.

E nós eramos filhas sem pae que nos alimentasse, e sem mãe
que nos beijasse as faces.

Como Job, nós não sabiamos aonde ir, e nem tinhamos
quem nos guiasse pela mão.

II.

Entramos porem as vossas portas. Vós, Jerusalem formosa,
nos acolhestes, e nos beijastes as faces como si fôsses
nossa mãe, e nos alimentastes como si fôsses nosso pae.

E nos enchestes o coração de soccego, e da paz do espirito.

E nos regastes a alma de alegria como o bom hortelão rega
as ervas e as flores de agua fresca na hora da tarde.

E nos reunistes como faz o bom pastor ás suas ovelhinhas.

E nos destes um tecto, um leito e vestidos alvos como a neve

E nos servistes o banquete da nossa patria com os cordeiros e os fructos dos vossos campos, á que assistiram todas as vossas filhas virgens.

E nos guiastes, entôando hymnos sagrados, ate junto ao tabernaculo do Senhor Deos dos Exercitos, construido pelo rei propheta David, e guardando no templo de Solomão.

E nós nos prostramos ahi, e nos lembramos do que tínhamos sido e o que eramos então.

III

Sublime rei dos reis! Grande dominadôr de Jerusalem celeste, mandai as vossas benções sobre a nova Jerusalem da terra, que surge tão linda e tão radiante da vossa gloria.

E abençoai a geração que lançou as primeiras pedras de seus alicerces.

E abençoai os seus patriarchas, e o seu povo e as filhas de suas filhas.

EXISTO PARA TI SO'.

Logo abaixo de Deus e perto de minha mãe, existo para ti só! Assim se exprimia Odilia dando-me um amor perfeito. Era uma simples florinha amarella e roixa, com pequenas lixas escuras sobre a parte mais clara do seu fundo. De todas as que se levantayão no canteiro era a mais pequena, a mais rasteira,

Beijava a terra e escondia-se entre as suas folhas.

Perto da roseira, que lho dava abrigo, que a tinha visto nascer, ella, muda, exprima sua gratidão singela.

Ella tinha nascido de uma pequena sementinha singela.

Perto do jasmim, que perguicoso parecia querer abafá-la, ella não se queixava da sua violencia.

Ella era filha de uma mãe, que tambem nascêra de baixo desse jasmineiro.

Perto do alecrim que a burrifava de suas folhinhas secças, ella não se lamentava do seu desprezo.

Porque a sua pureza era immaculavel, ninguem a poderia manchar; quando o sopro da tarde passasse, levaria com si tudo que a desprezasse.

Quando chorava a manhã, lançando suas gottas de orvalho, apenas a mais pequena e mimosa poderia ser sustentada—com as outras mais pesadas morreria de opprimida.

E' tão modesta esta florinha, que jamais vive ostentando magestade—ella é bem pequenina e singela!
Parece mesmo ser triste.
Pareço ser a mais novinha de suas companheiras.
Têm um não sei que de pudôr, que a faz amada; eu deleito-me, quando a vejo no seu limitado paiz.
Jamais a vi brilhar com o sol; brillando jamais se levantou ás outras presumçosas.
De tarde á hora do crepusculo, levanta-se pouco e pouco, abre a sua carolasinha e olha acanhada em torno.
De mauha vergonhosa se recente do brilhante que se deposita em seu seio; parece, do medo, querer fugir—constrangida de sua presença: ah! mas ella o ama em segredo—ama-o com o mysterio do pudor.
E abrigado em seu côlo, o mãosinho não se retira; goza em seus medos da mais preciosa doçura.
E' um amante que vem do céu para amal-a com ternura.
Elle é uma lagrima de anjo, cahida sobre a terra e procurando uma palpebra innocente para se esconder.
Quando cahir chorada dirão que é uma gota de orvalho.
E esta florinha é a sua imagem, como ella parece fugir aos meus afagos e ella existe para mim só.
Ella esconde-se no santuario da sua alma e pensa—pensa ah! ella pensa em mim; existe para mim só!
Levanta-se sem ostentação, volve os olhos a sua mãe, depois a mim; que parece dizer-me: extsto para ti só!
O seu amor é um amor unico; jamais conheceu outro, sempre o mesmo, sempre singelo, como amor de flor—elle é só meu.
Seu respirar, seus suspiros, sua voz, seu coração: é tudo meu.
Meu viver—o meu amar, é só della.
E' um amor-perfeito no jardim da minha existencia; de manhã, e de tarde ao crepusculo eu vou suspirar; meus suspiros sobem aos ares e de lá cahem n'uma linda pequenina gota encerrados.
E essa gota vai esconder-se em seu seio.
Seu seio, é o calix desse amor-perfeito, abrigado pelos meus sentimentos.
E' a sua imagem.
Sim, ella existe para mim só!
Quando formar um raminho para offertar-lhe, entre outras pequenas flores formosas, eu lhe mandarei um amor-perfeito.
Porque eu existo tambem para ella só!

O GRAVATA'

Mimoso, tenro e humilde vegetal !

Porque não chamaste para ti os olhos d'aquelle; que por aqui passou ha pouco, e que agora vejo embrenhar-se no interior do matto, descuidoso e com uma expressão alegre ?

E' que elle é um ignorante, e não entendeu a tua linguagem. Não sabe que fallas com a maior simplicidade palavras doces e suaves.

Si te elle entendesse !

Esse teu existir assim tão isolado sobre a terra humida da borda do charco; esse teu recostar ahi na pedra por acaso atirada ás hervinhas que viveram alegres no solo que ella cobre; esse teu imbricado de folhas lanceoladas e de bordos espinhosos, sobre um pedunculo floral elegante e mimoso; esse cacho de florinhas assim reunidas e tendo de commum um eixo unico; essas bracteas escamosas que protegem a vida misteriosa de cada mãe-sinha dos fructos; esses teus órgãos sexuaes; e em fim a tua existencia vivaz, são palavras tão claras, tão positivas e tão agradaveis ás orelhas dos sabios !

E o que dizes nellas? mimosa, tenra e humilde planta !

« Eu sou uma bromeliacéa. Vivaz e sem que pereça sou o symbolo da perpetuidade, e a imagem do innocente, porque assim como em cada anno dispo minhas folhas, meu pedunculo e minhas flores, para receber mais bellas partes, assim elle na morte despe os paramentos da terra para receber maior gloria e viver mais brilhante no seio do Senhor Deos.

« Sem caule para erguer-me acima das outras plantas, acho-me rasteira, e humilde na terra sem temer os estragos do furacão, assim como o justo reservado na sua modesta vivenda não teme os vaiz-vens da fortuna e os desagradados dos poderosos.

« Tenho minhas folhas espinhosas, estreitas e alongadas, reunidas desde as raizes fibrosas, assim como as almas se juntam nos sagrados laços da amizade.

« Tenho flores em espiga escamosa, representando a sociedade dos homens, debaixo de um só pensamento e subordinada a um clo de dever e de interesse; e assim como as minhas florinhas não vivem de outro modo, assim elles tambem não poderiam viver e ser felizes de outra sorte.

« Eu tenho um calix, estames, e pistilos lindos como o seio das virgens, tão puros como a alma dos bemaventurados; e felizes como os anjos do ceo. »

Como é harmonioso o teu canto, rasteiro e humilde vegetal !
E entende-o o ignorante? Oh não! que elle aqui passou ha pouco—e foi descuidoso embrenhar-se lá no matto.

E o sabio? Oh sim ! Elle pára junto ás tuas folhas, assenta-se sobre a pedra em que te encostas, e lê a tua vida, o teu nascimento e a tua morte, estuda a lição que lhesdás no teu existir tranquillo, identifica-se contigo e torna-se mais sabio ainda, porque a tua sorte é a sorte de todos os seres, a sorte mesma da humanidade.

Feliz é o sabio !

Trabalhai, Oh homens todos, para sêrdes; si o não poderdes, entrae nos mysterios da religião do Deos-homem, aprendendo a verdadeira sabiduria—a moral e a liberdade humana—a sciencia da virtude.

Eu te amo, rasteiro e humilde vegetal !

Foste tu—mimoso Gravatá—planta da beira do mar, da borda do lago, do charcoso mangue e ainda do arenoso ou pedregoso terreno, que mais de uma vez me chamaste para o caminho do dever.

Eu te amo como se ama ao aio desvelado ! Tu me tapizaste o berço nos dias da minha infancia.

Tu és Gravatá rasteiro, a planta da minha terra bem-querida. Lembra-te um dia, quando começastes a fallar-me e eu a entender teus monosyllabos mysteriosos—o que me disseste?

« Eu sou irmão do annanaz—e como elle tive a mesma mãe ; mas elle é procurado e acariciado, e eu definho aqui na solidão. »

Deixa, te disse eu, essas caricias enganadôras dos homens ; contenta-te com os bens do ceo. Deos reparte com igualdade o sol e a chuva sobre ti e sobre o annanaz.

Tu és rasteiro, Gravatá, mais vives tranquillo; ninguém te vai perturbar o repouso na tua solidão. E o annanaz?—bem cêdo a mão ceifadôra e maligna do homem lhe corta a vida prematura. A tua, é a sorte dos humildes mas felizes da terra; e a do annanaz, é a sorte dos grandes e soberbos da terra. Rasteiro e humilde Gravatá, viva assim com a tua solidão e a tua felicidade—vive contente na borda do charco—e viceja sem invejar a sorte do annanaz.

E eu, um dia, revendo-me no espelho das tuas gottas de orvalho, te direi suspirando amor e placido praser—« Tu és a minha imagem. »

MOTE.

Quando Amor dispara o arco,
Dobra o joelho a razão.

GLOZA.

Promette o amante Marco,
A rainha Egypcia Roma,
E esta promessa assoma
Quando Amor dispara o arco:
Este heroe que não foi parco,
Cego d'ardente paixão,
Perde a vida nesta acção;
Pois onde o Amor impera,
O juizo degenera,
Dobra o joelho a razão.

OUTRA.

Morre Cleopetra e Marco,
Lucrecia perde honra e vida,
Troia e Grecia é destruida
Quando Amor dispara o arco:
A sciencia de Aristarcho,
Dobra-se ao rijo sarpão;
Contra Amor não ha brazão,
Tudo é igual, sabio, rude,
Não ha vicio, nem virtude,
Dobra o joelho a razão.

OUTRA.

Nem com ser no Estygio charco
Mergulhado Achilles forte,
Deixa de soffrer o corte
Quando Amor dispara o arco:
Charonte suspende o barco
Quando elle põem-lhe o sarpão,
Jove da tonante mão
Larga o raio fulminante;
Emfim ao poder amante
Dobra o joelho a razão.

ANECDOTAS

—Então vens ou não vens? dizia um sujeito a outro que conversava e puchando-o pelo braço.

—Vou, vou já.

E continuava parado. O primeiro tendo assás esperado e não querendo estar mais pelos autos tornou-lhe:

—Vens ou não?

—Está bom, disse o 2.º, vai andando de vagar até *tal parte* que eu n'um instante *l'estou nas ancas*.

Certo sujeito que tinha o mau habito de perder quanto lenço lhe ia ás mãos, queixava-se d'isso a um amigo n'um dia em que a Fortuna o perseguira. O amigo, apenas o 1.º acabou a sua queixosa cantilena, solta estas palavras com ar heroico: —Ora homem! que mau costume! Irra! E não o perdes... sempre te conheci assim *perdigão!* (O pobre diabo queria dizer *perdedôr!*)

Um estudante, mas um d'esses estudantes de *trux*, passeava uma noite, quando vio n'uma janella tirar certa moçinha das mãos d'uma criança uma vara de capim: o *Dito* sem detença lh'o pediu, e a *Dita* sem detença lh'o entregou dizendo-lhe « que fizesse bom uso d'elle, que o Dito bem o merecia. » (Sáfa! Esta é d'embatuear!)

Por D. *

CHARADAS.

1.

Existe em Roma mui principalmente;
Mas nas cidades todas sóe estar—1
Si no fim um só *m* lhe accrescentas,
E' particula, serve do affirmar—1
E com Jacob tu foste desposada,
Tu que por este nome eras tratada—2

E' um nome muito amado
Dos musicos—festejado.

Quando um amigo vai de encontro ao encontro,
Qual é a primeira coisa que elle faz?—1.^a 2.^a e 3.^a
Deve julgar-se rico e mui disposto
Aquelle que commigo vive em paz—1.^a 2.^a e 4.^a

• Filha da cruel ausencia
• E' esta terna paixão
• Que se nutre d'esperanças
• No sensível coração.

• Obriga a lagrimas tristes,
• Obriga a sentidos ais,
• Nem só humanos obriga,
• Inda a brutos animais.

3.

O sorrir da madrugada—2
Da nogueira está pendente—1

E na quadra pluviosa
Da chuva defende a gente.

Por D. * *

4.

Dentro de um elemento
Eu gosto sempre de estar.—1.^a e 3.^a
Se sustento porque o fiz,
O caso posso afirmar—2.^a

Em perigo meu nome
Sirvo a outro motivo,
Nada valho, e sou preciso
Para furos destapar.

Alguns por economistas
Prolongão minha existencia,
Outros, porem, me destroem
Sem fazer eu resistencia.

Explicação das Charadas do n.º 7—1. Cicero—2. Boaventura—3. Judeos—4. Abalisado—5. Falsario.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE M. J. CARDOZO & C.
Rua do Ouvidor n.º 91